

A MICROTAPONÍMIA DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE ANAJATUBA - MA

THE MICROTOPYNYMY OF QUILOMBO COMMUNITIES OF ANAJATUBA-MA

Maria Ribamar Lopes dos Santos Andrade 1
Heloísa Reis Curvelo 2

Resumo: A Toponímia é a parte dos conhecimentos linguísticos e onomásticos que estuda os topônimos, ou seja, os nomes de lugares. Partindo dessa afirmação, este artigo, recorte de trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo principal, investigar a motivação toponímica de Comunidades Remanescentes Quilombolas - CRQs do município Anajatuba - MA: Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório e Cupaúba. Além de buscar a motivação toponímica dessas CRQs, foi investigada a ocorrência de alterações toponímicas nos referidos topônimos. O aporte teórico fundamenta-se, primordialmente, nos trabalhos de Vasconcelos (1931), Dick (1990), Curvelo - Matos (2014). Este estudo resgata a importância das Comunidades Remanescentes Quilombolas do município de Anajatuba. Até o momento, trabalhos desta natureza não foram encontrados no estado do Maranhão. Sendo assim, acredita-se que este artigo será referência para os estudos linguísticos/toponomásticos do Maranhão.

Palavras-chave: Lexicologia. Toponímia. Microtoponímia Maranhense. Comunidades Remanescente Quilombola.

Abstract: Toponymy is the part of linguistic and onomastic knowledge that studies the toponyms, in other words, the names of places. This article, part of a graduation work, has as its main purpose to investigate the toponymic motivation of four Quilombola Remaining Communities - CRQs in the municipality of Anajatuba - MA: Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório, Cupaúba. In addition to seeking the toponymic motivation of these CRQs, the occurrence of toponymic alterations in the referred toponyms was investigated. The theoretical support is based on the studies of Vasconcelos (1931), Dick (1990), Curvelo-Matos (2014). This work rescues the memory and importance of the remaining quilombola communities in the municipality of Anajatuba, until now, research of this nature has not been found in the State of Maranhão. Therefore, it is believed that this article will be a reference for linguistic/toponomastic studies in Maranhão.

Keywords: Lexicology. Toponymy. Maranhense Microtoponymy. Quilombola Remnant Communities.

1 Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3417200635647503>. ORCID: <https://orcid.org/000-0001-9011-3153> E-mail: mrlandrade95@gmail.com

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal – UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8277863581698341> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1059-7002>. E-mail: hrc.matos@ufma.br

Introdução

A Toponímia tem um compromisso com a língua como voz, ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história dos povos (SEABRA, 2004, p. 353-54).

No estado do Maranhão, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - (IBGE) (2017) existem 217 municípios, todos com suas especificidades locais. É assim em Anajatuba, um centro urbano maranhense que foi desmembrado das cidades de Rosário e Itapecuru-Mirim. Geograficamente, Anajatuba fica localizado na Mesorregião do Norte Maranhense, na Microrregião da Baixada do Estado; é um dos 45 municípios com presença de Comunidades Remanescentes de Quilombos - (CRQs) (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2021).

Nesta pesquisa, busca-se investigar a motivação toponímica das Comunidades Remanescentes Quilombolas - CRQs: Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório e Cupaúba. Nesta acepção, pretende-se, a partir da perspectiva de Seabra (2004), colocar a Toponímia como uma ferramenta da divulgação histórica dos povos.

O município de Anajatuba

Para início de conversa, propõe-se um questionamento toponomástico: Qual é a motivação toponímica de Anajatuba? Teria origem africana? Para responder a esses questionamentos, Marques (1870, p. 17) afirma que “compõe-se este nome de duas palavras brasílica, anajá, uma espécie de palmeira que tem este nome, e túba, frequência e abundância etc, e significa anajazal ou lugar abundante de anajaz”.

Sobre a origem, Rêgo (1999) afirma que o topônimo Anajatuba é de origem upi-guarani, e além de apresentar uma explicação análoga à de Marques (1870), acrescenta a informação de que alguns moradores, por meio da via oral, relatam a existência, nessa época, de uma indígena cujo nome era Anajatuba. Ao falecer, seu corpo foi sepultado nas terras da Vila de Santa Maria e, com isso, os indígenas visitavam sempre o túmulo da jovem. Com o passar do tempo, em suas idas à localidade, falavam que iriam à Anajatuba (RÊGO, 1999).

Levando em consideração a explicação, para a motivação toponímica, dada por Marques (1870) e Rêgo (1999), pode-se classificar o topônimo Anajatuba como um fitotopônimo. Para Dick (1990, p. 367) “os fitotopônimos fazem referência a nomes de lugares oriundos de espécies como o buriti, o café, o caju, a castanha [...]”. Com base nisso, confirma-se que o topônimo Anajatuba memoriza traços da flora local.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE) (2020), a cidade de Anajatuba está localizada na Mesorregião Norte, dentro da Microrregião da Baixada Maranhense, com uma população de 26.988 habitantes e área de 942,568 km². No que se refere à forma administrativa, o IBGE (2017, 2018, 2020) assegura que sua criação ocorreu no ano de 1854, tendo o povoado Santa Maria como escolha para sua sede, com a denominação de Vila de Santa Maria de Anajatuba. A vila foi elevada à categoria de município através da Lei Provincial nº 359, de 22-07-1854, que a desmembrou de Itapecuru Mirim. Suprimido no ano de 1933, seu território foi anexado à localidade de Rosário, até 1935, quando se restabeleceu a autonomia.

Referente à sua formação histórica, o IBGE (2017) e Rêgo (1999), apresentam a versão de que no princípio, a Terra dos Anajás foi uma comunidade de povos indígenas. Em vista disso, durante o período colonial, os indígenas foram se afastando da sede municipal, pois sofriam duras perseguições dos portugueses que estavam ocupando a região à procura de lugares para o desenvolvimento da agricultura e criação de gado.

Toponímia

Em 1887, o português Leite Vasconcellos, que não era linguista, mas se interessava pelos estudos da linguagem, propôs o termo Onomástica, campo da linguagem, que estuda o *onoma*, ou melhor o nome, e a dividiu em três áreas, *i)* Antroponímia, ou estudo dos nomes de pessoas e seus sobrenomes; *ii)* Panteonímia, ou estudo dos vários nomes que não sejam de antropônimos e nem topônimos e; *iii)* Toponímia, que estuda o nome de lugares, ou melhor, os topônimos.

A toponímia (do grego, *topos*- lugar, *onoma* - nome) constitui um verdadeiro registro, tanto histórico e sociocultural, pois guarda toda uma riqueza que o nome carrega consigo. De acordo com Dick (1990), a toponímia é um complexo *língua* cultural, no qual as respostas que são obtidas originam-se a partir da intercessão das demais ciências; não sendo, pois, uma ciência neutra, haja vista, considerar conceitos históricos, sociológicos, culturais e geográficos.

A toponímia também é concebida como a crônica de um povo, haja vista que os topônimos se configuram como verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos da vida de uma população (DICK, 1990, p. 22).

Quanto ao caráter interdisciplinar da Onomástica e da Toponímia, é possível vislumbrar cruzamentos de várias disciplinas, como pode ser o caso da História, Geografia, Antropologia, Psicologia Social, Biologia, Arqueologia e Linguística. Sobre a questão Dick (1987) comenta que:

Verifica-se que o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações que, se antes se definiam apenas como linguística, hoje se inscrevem, também, nos campos da geografia, da antropologia, da psicossociologia, enfim, da cultura em geral para, num aprofundamento, procurar compreender a própria mentalidade do denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social (DICK, 1987, P. 97).

O topônimo está, intimamente, relacionado ao cotidiano dos moradores que residem ou já residiram no lugar ou em sua proximidade, tendo a funcionalidade de um verdadeiro baú que guarda informações particulares dos topos. Ademais, os topônimos não nascem por acaso, mas sim de forma motivada e, além disso, não é intacto ou estanque, pois podem sofrer alterações toponímicas (ATs), tornando, dessa forma, o nome do lugar, um verdadeiro resultado da experiência humana.

Entendemos ser o topônimo uma unidade do léxico que possui conteúdo semântico e referencial, ou seja, o topônimo não é apenas uma denominação que dada localidade tem para indicar o endereço de uma pessoa, mas o elemento local que nos permite conhecer os fatores sociais que permearam a habitação de uma dada localidade (CURVELO-MATOS, 2014, p. 41).

Sendo assim, a nomeação do ambiente relata muito da realidade na qual se esteja inserido e relaciona com o que rodeia os indivíduos em sociedade. Entender o topônimo, como parte fundamental na construção de uma sociedade leva a pensar que se atribui muito da cultura e identidade ao ambiente em que se vive. O local nomeado remete a algo distinto, diferenciado dos demais, o que permite conhecer aspectos da vida psíquica, social, cultural e espiritual de um povo.

A palavra quilombo é um verdadeiro sinônimo de batalha, trata de uma luta política, em construção. Essa ideia é defendida por Leite (2000, p. 334) ao colocar que “nos últimos vinte anos, os descendentes de africanos, chamados negros, em todo território nacional, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras [...]”. Esse processo começa a ser colocado em prática, através da sobrevivência e em meio a condições desfavoráveis e na batalha pela posse da terra. Logo, pensa-se que estas são questões que não se referem apenas ao passado histórico desses povos, mas sim, de pontos presentes no contexto das comunidades.

A respeito da origem e significado do termo quilombo, há controvérsias, tanto no continente africano, como no Brasil, o que leva ao questionamento se o termo foi atribuído pelos colonos portugueses ou pelos negros. Desse modo, “alguns dizem que se origina da língua *kibundo angolense*, falada pelos negros bantos, significando habitação, ou seria um aportuguesamento do termo quibundo *kilombu* que designa arraial ou acampamento” (PROJETO VIDA DE NEGRO, 2002, p. 98-99). De forma semelhante, as pesquisas pioneiras de Lopes, Siqueira e Nascimento (1987, p. 27-28) revelam que a palavra quilombo é de origem bantu, empregada no sentido de acampamento guerreiro, na floresta. De forma distinta, segundo o Dicionário Houaiss (2001), essa palavra significa “local escondido, geralmente no mato, onde se abrigavam escravos fugidos”. Esse conceito designa as comunidades quilombolas como redutos constituídos, durante o Brasil Colonial, ideia essa difundida pela administração da época, através de leis, atos e relatórios.

Inicialmente, a ressignificação legal do termo quilombo deu-se a partir do Art. 68 da Constituição Federal de 1988 (2016, p. 160), passando a reconhecer a categoria de CRQ “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. No mais, com referência a grupos formados por escravos fugitivos, a Carta Magna designa como segmentos negros, em distintas regiões. Mesmo com esse avanço no âmbito das políticas públicas, ainda não ocorreu de fato uma mudança substancial, em relação à legalização das terras. Ainda no âmbito jurídico, no Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, a palavra “quilombo” refere-se a “terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos e utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural”.

Segundo Marques (2008, p. 25), “os remanescentes de quilombos são grupos sociais que se mobilizam ou são mobilizados por organizações sociais, políticas, religiosas, sindicais, etc., em torno do reconhecimento”. Essa definição, foge da versão cristalizada, ou seja, conceitos disseminados na sociedade, como os elencados acima. Próximo ao conceito cristalizado, a Fundação Cultural Palmares (2020, p. 2) afirma: “São, de modo geral, comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata e se rebelaram frente a quem acreditava serem eles sua propriedade”.

Enquanto isso, para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – (INCRA) (2020, p. 1), “[...] são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana – que se autodefine a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias”.

Todas essas concepções elencadas são necessárias para a compreensão de que as Comunidades Remanescentes Quilombolas passaram a contar com um reconhecimento da sua cultura e história; entretanto, os conflitos por questões fundiárias, que ainda acontecem, encaminham a um passado de luta, dor e sofrimento.

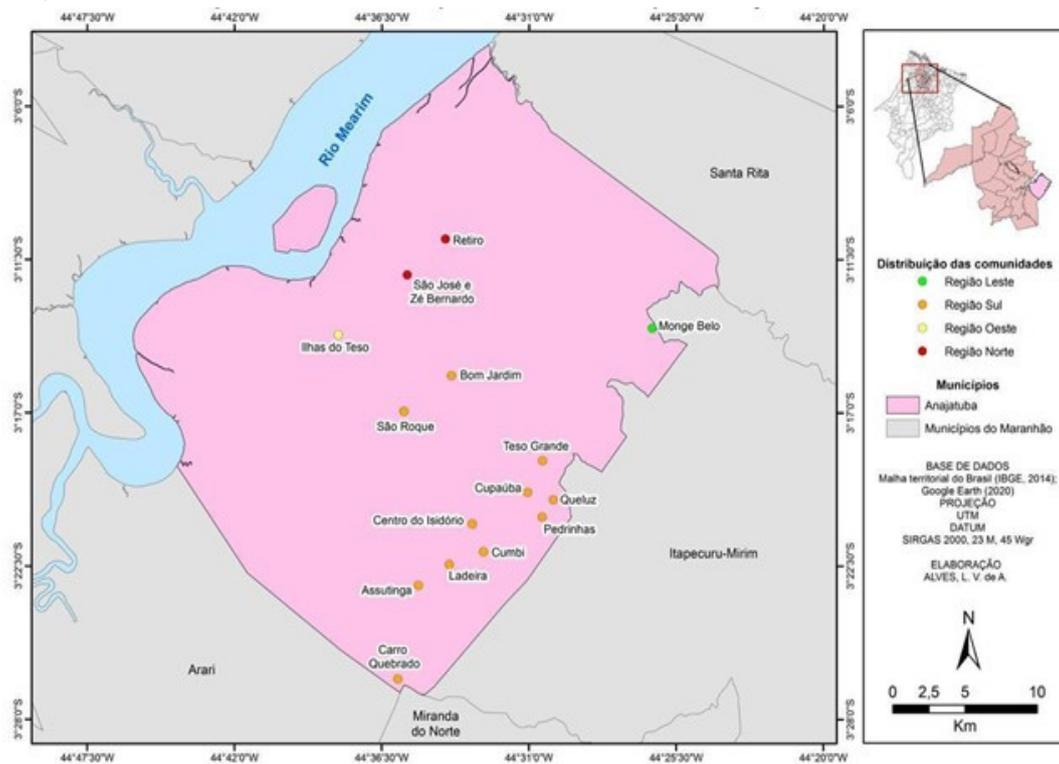
Procedimentos Metodológicos

Como procedimento metodológico inicial, foi realizado o levantamento bibliográfico de teóricos que possuem estudos direcionados ao campo da Toponímia, tais como Vasconcelos (1931), Dick (1990), Curvelo (2009) e Curvelo-Matos (2014). Com base nesses autores e nos dados fornecidos pelo site da Fundação Cultural Palmares (2020, 2021) foram listadas as Comunidades Remanescentes Quilombolas – (CRQs). Dentre as 816 CRQs do estado do Maranhão, selecionou-se, para este artigo, quatro comunidades, do município de Anajatuba, reconhecidas como quilombolas: Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório e Cupaúba. Por conseguinte, foi

feita a pesquisa documental dos históricos das CRQs, disponíveis no órgão responsável pelos processos de regularização fundiária - INCRA, e nas CRQs, sob a responsabilidade dos presidentes das associações de moradores. A partir dessa investigação, foi possível ter acesso aos processos de regularização e com base na metodologia do estudo, foram elencadas informações, referentes à formação das comunidades.

Portanto, o *corpus* deste trabalho é constituído de quatro topônimos localizados na parte sul: Bom Jardim, Cupaúba, Centro do Isidório, Carro Quebrado. Como apresentado na Figura 1 a seguir.

Figura 1. Localização de 15 Comunidades Remanescentes Quilombolas no município de Anajatuba – MA.



Fonte: Adaptado de IBGE (2020); Google Earth (2020)

Para a organização das informações de cada um dos quatro topônimos, elaborou-se um texto descritivo, seguindo a ordem da ficha lexicográfica toponímica, conforme Quadro 1, adaptada de Curvelo-Matos (2014, p. 65) que contém as seguintes informações: *i*) topônimo: nome do lugar em estudo; *ii*) localização da CRQs: local geográfico onde se encontra o topônimo; *iii*) motivação toponímica: taxas de natureza física ou antropocultural, que permitem descrever e classificar os topônimos com maior segurança, do ponto de vista semântico; *iv*) nota histórica: que nos permite traçar um marco histórico; *v*) nota enciclopédica, que permite acrescentar mais algumas informações ou dados curiosos sobre o topônimo, como o calendário das festividades, lendas, curiosidades, isto é, algo significativo que tenha ocorrido no local com os moradores.

Quadro 1. Ficha Lexicográfica Toponímica da Comunidade Remanescente Quilombola Cupaúba.

Topônimo	Cupaúba
Localização da CRQ	A comunidade remanescente quilombola Cupaúba está situada entre Pedrinhas, Queluz, Teso Grande e Baunilha. Possui estrada com acesso pela Rodovia – MA 224.
Motivação Toponímica	Cupaúba provém de uma planta conhecida como <i>copaíba</i> , que com a evolução dos anos os moradores passaram a chamar de Cupaúba. Dessa forma, tem-se o nome de uma comunidade cuja motivação é de natureza física. Para Dick (1990, p. 367), “puderam os fitotopônimos revelar grupos de designações caracterizados por uma correspondência geográfica nítida”. Neste caso, o topônimo escolhido homenageia o nome de uma árvore que teve relação com o lugar de forma direta.
Nota Histórica	A respeito da formação da comunidade estima-se que os primeiros moradores vieram de comunidades próximas, ou até mesmo dos engenhos que existiam nas proximidades.
Nota Enciclopédica	O acesso à comunidade é dado através de chão batido, coberto por pequenas pedras avermelhadas, que durante o inverno se torna um empecilho, devido a lama, a quantidade de grandes poças de água e buracos.

Fonte: Adaptado de Curvelo-Matos (2014, p. 65).

A análise a seguir, tomará como suporte a proposta taxionômica de Dick (1990), que apresenta 29 taxes, sendo dezoito relacionadas aos aspectos sócio-histórico-culturais e 11 de natureza física, relacionadas ao meio ambiente. Também foi agregado ao quadro a taxa dos dirrematopônimos e a dos siglatopônimos, proposta por Curvelo-Matos (2014, p.67). Deste modo, o modelo que segue contém 31 taxes: 12 físicas e 19 antropoculturais.

Quadro 2. Classificação dos topônimos relacionados ao espaço físico.

CLASSIFICAÇÃO	DEFINIÇÃO
Astrotopônimos	Topônimos referentes aos nomes dos corpos celestes
Cardinotopônimos	Topônimos referentes às posições geográficas
Cromotopônimos	Topônimos referentes à escala cromática
Dimensiotopônimos	Topônimos referentes às características dimensionais do acidente geográfico
Dirrematopônimo	Topônimos referentes a frases ou expressões linguísticas
Fitotopônimos	Topônimos referentes aos nomes de vegetais
Geotopônimos	Topônimos referentes às formas topográficas
Hidrotopônimos	Topônimos referentes aos acidentes geográficos
Litotopônimos	Topônimos referentes aos nomes de minerais
Meteorotopônimos	Topônimos referentes aos fenômenos atmosféricos
Morfotopônimos	Topônimos referentes às formas geográficas
Zootopônimos	Topônimos referentes aos nomes de animais

Fonte: Adaptado de Dick (1990)

Quadro 3. Classificação dos topônimos relacionados aos aspectos sócio-histórico-culturais.

CLASSIFICAÇÃO	DEFINIÇÃO
Animotopônimos ou Nootopônimos	Topônimos referentes à vida psíquica e à vida cultural e espiritual
Antropotopônimos	Topônimos referentes aos nomes próprios e individuais
Axiotopônimos	Topônimos referentes aos títulos e dignidades que acompanham os <u>nomes próprios individuais</u>
Corotopônimos	Topônimos referentes aos nomes de cidades, países, religiões ou <u>continentes</u>
Cronotopônimos	Topônimos referentes às indicações cronológicas, representadas pelos <u>qualitativos</u>
Ecotopônimos	Topônimos referentes às habitações em geral
Ergotopônimos	Topônimos referentes aos elementos da cultura
Etnotopônimos	Topônimos referentes aos elementos étnicos
Dirrematopônimos	Topônimos referentes às frases ou enunciados linguísticos
Hagiotopônimos	Topônimos referentes aos nomes sagrados do hagiológico romano
Hierotôponimos	Topônimos referentes aos nomes sagrados de diferentes crenças
Historiopônimos	Topônimos referentes aos movimentos histórico-sociais, às suas datas <u>e seus membros</u>
Hodotopônimos	Topônimos referentes às vias de comunicação rural ou urbana
Mitotopônimos	Topônimos referentes entidades mitológicas
Numerotopônimos	Topônimos referentes aos adjetivos numerais
Poliotopônimos	Topônimos referentes aos vocábulos aldeias, vilas, povoação e arraial
Siglatopônimo	Topônimos referentes a siglas de nomes de instituições, empresas, <u>casas comerciais, indústrias, marcas de fábrica, de propaganda e afins</u>
Sociotopônimos	Topônimos referentes às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos moradores de uma <u>comunidade</u>
Somatopônimos	Topônimos referentes às relações metafóricas das partes do corpo <u>humano ou animal</u>

Fonte: Adaptado de Dick (1990)

Comunidades Remanescentes Quilombolas de Anajatuba – MA

O objetivo geral apontado nesta pesquisa buscou descrever a motivação toponímica de quatro microtopônimos - Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório e Cupaúba - que nomeiam, atualmente, Comunidades Remanescentes Quilombolas de Anajatuba – MA, com a finalidade de demonstrar quais foram suas causas denominativas, ao longo da sua origem e evolução histórica. Para tanto, elaborou-se um texto descritivo que contempla as informações toponímicas, coletadas das localidades investigadas.

Centro do Isidório

A CRQ Centro do Isidório localiza-se nas proximidades de Cumbi, Bacabeira e Bacabal. O seu acesso é dado através da rodovia MA 224.

E qual seria a motivação do topônimo? Segundo o histórico da comunidade, o primeiro nome foi Santana do Isidoro, em homenagem ao Senhor Isidoro, um comerciante muito influente na região, por ser dono de engenho de cana-de-açúcar e de grandes áreas de terra. Após a construção da estrada de acesso à BR 135, o nome da comunidade passou por uma alteração toponímica, devido à melhoria do acesso ao centro da cidade. Dessa forma, o genro do senhor Isidório, João

Regino, deu o nome à comunidade de Centro do Isidório (BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE CENTRO DO ISIDORIO, 2016).

Seguindo a análise linguística, no Dicionário Michaelis (2020) consta que a palavra *centro* é um substantivo masculino de origem grega *kéntron* e significa ponto situado no meio de um país, região, cidade. A respeito de Isidório, o Dicionário dos Nomes Próprios (2021) menciona que é um substantivo próprio e tem sua origem no grego *isidoros*, com a sua formação pela união das palavras *isis*, nome da deusa Ísis e *dorôn*, quer dizer dádiva, dom, presente.

Dessa forma, tem-se o nome de uma CRQ cuja motivação é de natureza antropocultural, classificada como um antropotopônimo. Para Dick (1990, p. 285), “os antropotopônimos são topônimos constituídos a partir dos designativos pessoais, sejam em prenomes ou em apelidos de família, combinadamente ou não”. Neste caso, o topônimo escolhido homenageia o nome de uma pessoa que teve relação com a CRQ, de forma direta. Dessa forma, para os moradores da localidade, o destaque foi para o nome de uma pessoa designando a classificação de antropotopônimo.

Em relação aos direitos essenciais, a comunidade não possui escola e Unidade Básica de Saúde - UBS. Os moradores se deslocam para as comunidades de Bacabal ou Cumbi, em busca da saúde e educação de qualidade. Como Isidório localiza-se no centro das duas comunidades citadas, anteriormente, quando há falta de transporte escolar, os alunos vão de bicicleta, ou até mesmo a pé. Também é válido destacar, que se tratando de obras realizadas pela Prefeitura Municipal de Anajatuba, a CRQ Centro do Isidório conta apenas com uma casa de farinha (Cf. Figura 2).

Figura 2. Casa de Farinha da Comunidade Centro do Isidório.



Fonte: Acervo da Autora (2019).

No que diz respeito às festividades, a comunidade possui um festejo tradicional do Divino Espírito Santo, realizado ao final do mês de julho. Essa festa era organizada pelo pai de santo conhecido popularmente como Seu Biné que, após sofrer uma lesão grave, foi substituído por sua esposa, que passou a dar continuidade ao respectivo festejo que inicia na sexta e finaliza no domingo, com a celebração do império¹.

Carro Quebrado

A CRQ Carro Quebrado localiza-se na zona rural do município de Anajatuba, nas proximidades das localidades de Ponta Bonita, Companhia, Cariongo I e II (HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CARRO QUEBRADO, 2012).

A respeito da motivação toponímica foi investigado, no histórico da comunidade, o que teria

¹ Encerramento da Festejo do Divino Espírito Santo com uma celebração ao som de caixas, tocadas por mulheres, conhecidas como cacheiras.

motivado os moradores a escolherem o topônimo Carro Quebrado. O referido documento registra que a motivação para o nome, nasceu quando um carro de boi, como demonstrado na Figura 3, utilizado para o transporte de cana-de-açúcar, quebrou nas imediações de uma baixada alagada, no local que era o centro do quilombo (HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CARRO QUEBRADO, 2012).

Figura 3. Carro de Boi.



Fonte: Adaptado de Lima (2019).

Para uma análise linguística, das palavras *carro* + *quebrado*, o vocábulo *carro* é classificado como um substantivo masculino que provém do latim *carrus*. Refere-se a carro de quatro rodas, carroça. No sentido em que foi empregado, para elucidar a motivação toponímica de Carro Quebrado, se refere a um veículo de rodas, conduzido por bois e usado para transporte de pessoas ou mercadorias. Já o vocábulo *quebrado* é classificado como particípio passado do verbo quebrar; trata-se de um verbo que vem do latim *crepo*, e se refere a estalar-se, rachar-se, fender-se, rebentar, com estrondo. Por se tratar de uma expressão linguística, classifica-se o topônimo Carro Quebrado como um dirrematopônimo, classificação essa apresentada por Curvelo (2009, p.75), “topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos”.

Segundo relatos dos moradores, que constam no histórico, a comunidade surgiu há 130 anos, contando como primeiros moradores os fugitivos dos engenhos, localizados nas proximidades da região do Vale do Itapecuru. A partir da falência das fazendas de cana-de-açúcar e de algodão, muitas famílias migraram para a comunidade, especialmente, os moradores do município vizinho - Itapecuru.

Bom Jardim

A CRQ de Bom Jardim localiza-se na zona rural do município de Anajatuba, a 8 km da sede, fica próxima aos campos de junco das regiões das pacas e das comunidades São Gerônimo, São José e Mata dos Pires, com acesso através de estrada de terra, como mostra a Figura 4 (PAIVA, 2016).

Figura 4. Entrada da Comunidade de Bom Jardim.



Fonte: Adaptado de Paiva (2016).

Segundo o Dicionário Michaelis (2020), “bonum” vem do latim *bonus* e significa que tem bondade, benévolo e bondoso. Já o vocábulo “jardim” é de etimologia francesa, com o conceito de terreno, geralmente, contíguo a uma casa ou a um edifício, onde se cultivam flores, arbustos e árvores de pequeno porte para ornamentação ou estudo.

Esses conceitos dialogam com a ideia apresentada por Paiva (2016), sobre a fundação do topônimo Bom Jardim “falando sobre as flores de argélia como símbolo de identidade; a comunidade tinha grande apreço pelas flores, pois, a flor libera um cheiro natural que alcança, mais ou menos, um quilômetro de distância e se reproduz com facilidade [...]” (*Ibid*, p. 9). Nesse sentido, seguindo a classificação, proposta por Dick (1990) tem-se o nome de uma comunidade cuja motivação é de natureza física, classificada como um fitotopônimo.

O acesso à CRQ é realizado através de uma estrada de piçarra, e no período chuvoso, se torna um verdadeiro igarapé em algumas partes, devido à lama e à quantidade de grandes poças de água e buracos. Como não dispõe de uma escola, os jovens moradores se deslocam para comunidades vizinhas, e ao chegar o período chuvoso, esse deslocamento se torna precário, pois uma boa parcela dos alunos depende do transporte público; em razão do difícil acesso da estrada, os ônibus escolares deixam de adentrar a comunidade. O resultado é atraso nas disciplinas, podendo culminar em problemas de ensino-aprendizagem desses alunos.

Resultados

Em face de todos os elementos que compõem este capítulo, segue um quadro ilustrativo/sintético das descobertas, a respeito dos microtopônimos selecionados, considerando, prioritariamente, os objetivos da pesquisa: *i*) descrever a motivação toponomástica de quatro CRQs do município maranhense de Anajatuba, considerando a origem e evolução histórica de cada uma das localidades; *ii*) verificar se ocorreu alteração toponímica no nome das quatro comunidades.

Quadro 4. Síntese dos Topônimos Pesquisados.

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	MOTIVAÇÃO
Bom Jardim	Dirrematopônimo	local de muitas flores
Carro quebrado	Dirrematopônimo	carro de boi quebrado
Centro do Isidório	Cardinotopônimo	homenagem ao comerciante Isidório

Cupaúba	Fitotopônimo	planta nativa brasileira
---------	--------------	--------------------------

Fonte: Adaptado de Dick (1990)

Seguindo os objetivos, propostos nesta investigação, descobriu-se que: *i)* Bom Jardim é um fitotopônimo de natureza física, porque faz referência às plantas e flores; *ii)* Carro Quebrado é um dirrematopônimo de natureza antropocultural, visto que provém de uma expressão linguística, *iii)* Centro do Isidório é um antropotopônimo de natureza antropocultural, pois faz referência ao nome de um senhor de terras; o topônimo sofreu alteração toponímica de Santana do Isidoro para Centro do Isidório; *iv)* Cupaúba é um fitotopônimo de natureza física, por motivo de fazer referência à árvore copaíba, o topônimo sofreu alteração toponímica de Copaíba para Cupaúba.

Considerações Finais

Com base nos históricos das localidades e na análise de dados dos topônimos das Comunidades Remanescentes Quilombolas - Bom Jardim, Carro Quebrado, Centro do Isidório e Cupaúba, do município de Anajatuba – Maranhão, ficaram visíveis as particularidades que se escondem por trás de cada nome investigado.

Levando em consideração a importância dos estudos toponímicos na educação, posto que, seu caráter interdisciplinar favorece a aprendizagem e o diálogo de diversas áreas - biologia, geografia, história, antropologia e, além disso, linguístico - como recomendação para futuras pesquisas, seria a elaboração de um projeto sobre os nomes das comunidades anajatubenses para ser aplicado e desenvolvido nas escolas da Educação Básica, a fim de despertar a curiosidade das crianças e jovens, em relação aos estudos toponímicos.

Nesse sentido, à vista de tudo que ratificou-se, ao longo deste estudo, acredita-se que essa pesquisa contribuirá com material bibliográfico e se constituirá como referência para pesquisadores, docentes, discentes, pessoas da comunidade local, municipal, estadual, entre outras, para que conheçam e valorizem os elementos locais, pois eles são, documentais, uma vez que memorizam a história e a cultura de determinadas regiões, ao longo dos tempos.

Referências

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE CARRO QUEBRADO - ANAJATUBA/MA. **Histórico da comunidade quilombola de Carro Quebrado**. Anajatuba: 2012.

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES. **Breve Histórico da Comunidade Centro do Isidório**. [Anajatuba], [2016].

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Art. 68. Brasília, DF: Senado, 2016. p. 160. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

CARRO. *In*: **Dicionário Online Priberam**. c2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/carro>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CENTRO. *In*: **Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/centro/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CUPAÚBA. *In*: **Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cupauba/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise Toponímica de 81 topônimos de bairros de São Luís / MA**. 2014. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014_tese_hrcurvelo.pdf. Acesso em: 07 set. 2020.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. 387 p.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola**. 2021. Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro – DPA. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551. Acesso em: 10 de fev. 2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES **Comunidades quilombolas**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares. 6 p. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=31465#:~:text=Comunidades%20quilombolas&text=S%C3%A3o%20de%20modo%20geral%20comunidades,em%20regi%C3%B5es%20por%20vezes%20hostis. Acesso em: out. 2020.

GOOGLEEARTH. **Anajatuba**. Brasil: Google LLC, 2020. 1 mapa, color, online. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Anajatuba++MA,+65490000/@3.2508031,44.7294424,56104m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7f5102f247931dd:0xc457ccb1b42150fb!8m2!3d-3.260183!4d-44.6119727>. Acesso em: 20 set. 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anajatuba**: história e fotos. [S.l.]: IBGE, c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/anajatuba/historico>. Acesso em: 20 abr. 2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Área territorial brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/15761-areas-dos-municipios.html?edicao=24050&t=downloads>. Acesso em: 30 abr. 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência 1º de julho de 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020, 119 p. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estado do Maranhão**: Anajatuba. [Rio de Janeiro]: IBGE. c2020. 1 mapa, color, *on-line*. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/produtos_educacionais/mapas_mudos/mapas_do_brasil/mapas_municipais/MA/2100709.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Maranhão**: história e fotos. [Rio de Janeiro]: IBGE, c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/historico>. Acesso em: 20 abr. 2019.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Quilombolas**. [S.l.]: INCRA. 16 dez. 2020. 2 p. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas#:~:text=As%20comunidades%20quilombolas%20s%C3%A3o%20grupos,trad%C3%A7%C3%B5es%20e%20pr%C3%A1ticas%20culturais%20pr%C3%B3prias>. Acesso em: 5 jan. 2021.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Históricos das Comunidades Remanescentes Quilombolas de Anajatuba**. 2019.

ISIDÓRIO. In: **Dicionário dos Nomes Próprios**. c2020. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=Isid%C3%B3ro>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **A motivação na Toponímia**: algumas reflexões. Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação. Campinas: Pontes Editores, v. 26, p. 81-95, 2012.

JARDIM. In: **Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jardim/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Florianópolis, v.2, p. 333-354. 2000. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Acesso em: 8 abr. 2019.

LOPES, Helena Theodoro; SIQUEIRA, José Jorge; NASCIMENTO, Beatriz. **Negro e Cultura Negra no Brasil**: pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 1ª ed. São Luís: Typ. do Frias, 1870. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221726>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PAIVA, Valdir. **História da comunidade remanescente de quilombo de Bom Jardim – Anajatuba – MA**. 2016. 34 p.

PROJETO VIDA DE NEGRO. **Terras de Preto no Maranhão**: quebrando o mito do isolamento. São Luís: SMDH/CCN-MA/PVN, 2002, v. 3, 272 p. (Coleção Negro Cosme).

QUEBRADO. In: **Dicionário Online Priberam**. c2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/quebrado>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RÊGO, Mauro. **Santa Maria de Anajatuba**. São Luís: Lithograf, 1999. 244 p.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da região do Carmo**. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ALDR-64KQ9A>. Acesso em: 3 dez. 2020.

UNIÃO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS QUILOMBOLAS DO POVOADO CUPAÚBA DO MUNICÍPIO DE ANAJATUBA. **Histórico da Comunidade de Cupaúba**. Povoado Cupaúba - Anajatuba, 20 maio. 2016. 3 p.

VASCONCELOS. José Leite de. **Ópusculo**. Coimbra (PT): Imprensa da Universidade, v. 3, 1931.

Recebido em 30 de agosto de 2022.

Aceito em 11 de outubro de 2022.